

Museu Histórico: um desafio de trinta anos

Um edifício imponente, situado em pleno centro da cidade, na Rua Visconde do Rio Branco, entre a Avenida Campos Sales e a Rua General Osório e que poderia — houvesse um pouco mais de boa vontade e um esforço conjunto do Estado e da Prefeitura, através de suas Secretarias de Cultura — ser transformado num verdadeiro centro de atividades culturais, achasse-se praticamente abandonado, exigindo imediatas reformas, servindo apenas para sediar um departamento cultural do Estado que não funciona! Essa é a realidade incontestável (e deplorável) do antigo e belo edifício da ex-Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, destinado ao Museu Histórico e Pedagógico Campos Sales, numa justa homenagem à memória do grande estadista campineiro, Manoel Ferraz de Campos Sales, o homem que assumiu a presidência da República num dos momentos mais críticos para o País e que, pondo em risco a sua popularidade e a sua própria vida, executou um plano de saneamento financeiro que — na opinião dos entendidos — salvou o Brasil da bancarrota. Mas quanto sacrifício não custou ao bravo campineiro a execução desse plano! Sofreu, inclusive, violenta campanha por parte de muitos jornais e revistas da época, que o apelidaram de “Campos Selo”, o “Pavão do Catete” tentando ridicularizá-lo e foi sob tremenda vaia que desceu, de viseira erguida, as escadarias do Palácio Presidencial findo o seu mandato e viajou

para São Paulo, sofrendo hostilidades em todas as estações por onde passava! Mas a história, no seu julgamento inapelável, fez justiça a Campos Sales e os fatos vieram demonstrar sobejamente, que ele, na sua política econômica - financeira, restabeleceu o crédito do Brasil no exterior, seriamente abalado na época e adotou medidas justas, adequadas pelas circunstâncias históricas da época difícil que a Nação atravessava, em decorrência de muitos fatores.

Mas não é de Campos Sales que pretendemos falar e sim do Museu que recebeu o seu nome, em sua terra natal, no edifício que constitui a única obra de Ramos de Azevedo integralmente preservada existente no interior do Estado de São Paulo.

Há mais de 30 anos, a cidade reclama a instalação desse Museu, que chegou a funcionar, precariamente, numa dependência improvisada no interior do Bosque dos Jequitibás, estando o material que ali esteve exposto, em poder atualmente do Centro de Ciências, Letras e Artes, sem receber a mínima assistência técnica, recomendada pela museologia e sofrendo o natural desgaste do tempo, inclusive uma peça preciosíssima, a carta que o Imperador da China, na época, enviou ao presidente do Brasil, verdadeira obra de arte, porque não se trata de uma carta comum, mas de um belíssimo trabalho ornamentado com figuras de dragões e outras figuras mitológicas.

Lamentavelmente, essa peça de valor histórico inestimável, já se encontra sob a ação implacável das traças!

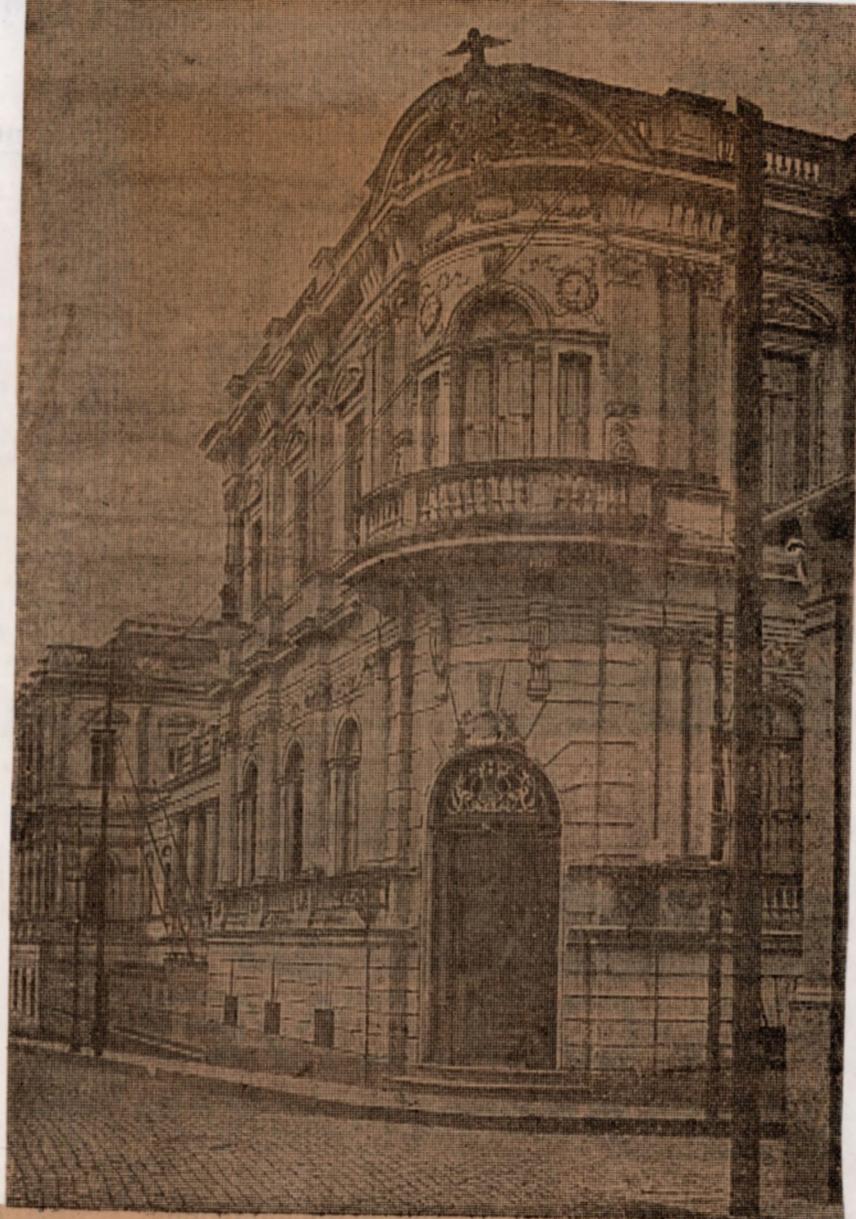
A instalação do Museu, no edifício em estilo neo-clássico, projetado no princípio do século pelos escritórios de Ramos de Azevedo e sob a supervisão desse notável engenheiro — que também projetou o edifício central da Polícia de Campinas, na Avenida Andrade Neves, antigo presídio, hoje sede do 1.º distrito, ficou decidida depois que o então deputado Solon Borges dos Reis apresentou um projeto — posteriormente convertido em lei — criando os Museus Pedagógicos e Históricos em várias cidades do interior, alguns já instalados e em pleno funcionamento. Justamente em Campinas, — terra que teve atuação relevante na campanha republicana, berço de Campos Sales, Francisco Glicério, Quirino dos Santos, Julio de Mesquita e tantos outros que se projetaram pela sua atuação destacada e brilhante na aludida campanha, — o Museu Histórico não foi instalado até hoje, apesar da existência do prédio e isso constitui um veemente e vigoroso libelo contra as autoridades estaduais e municipais que não conseguiram durante anos e anos, superar os entraves burocráticos para concretizar o objetivo, instalando o Museu que não só seria dedicado a Campos Sales mas a outros vultos de nossa história e a episódios marcantes do passado de Campinas, reunindo, inclusive, os pequenos museus existentes e quase que in-

teiramente desconhecidos e pouco visitados, como o Museu Arquidiocesano, o Museu Carlos Gomes e o acervo existente relacionado com Campos Sales, além de muitas peças valiosas, de alto significado, que estão se perdendo lamentavelmente, relegadas ao abandono, como o emblema original do Clube Republicano que existiu em Campinas antes da Proclamação, a cadeira que pertenceu ao Regente Feijó (peças que se encontram no CCLA) e tantas outras em poder de particulares ou de instituições diversas.

“NÃO HA VERBA”

Todas as tentativas levadas a efeito pelo diretor do Museu “Campos Sales”, sr. Celso Maria de Melo Pupo (diretor honorário, uma vez que não percebe vencimento algum e nem ao menos uma “ajuda de custas” para as inúmeras viagens feitas a São Paulo para tratar do assunto, para a instalação do Museu, encontraram uma barreira intransponível na frase laconica mas inapelável: “não há verba”. Alegação pífia, absurda, porque durante todo esse tempo, os governos que passaram pelo antigo Campos Elísios e depois pelo Palácio Morumbi, os secretários de Cultura, os prefeitos que passaram pela Prefeitura de Campinas, encontraram verbas para executar obras faraônicas (inclusive a caravela cabralina, semi-afundada na lagoa do Taquaral), para montar onerosos “escritórios regionais”, que não

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE030864



O edifício da antiga Cia. Mogiana — projetado por Ramos de Azevedo, está praticamente abandonado, sob a alegação de que “não há verba” para as indispensáveis reformas



Uma das ricas e bem decoradas salas do edifício, sofrendo a ação devastadora do tempo. A responsabilidade, no caso, é do Estado e da Prefeitura

passam de simples redutos eleitorais e "cabides" de emprego para apaniguados políticos. Existissem por parte desses homens um pouco de boa vontade, um mínimo de patriotismo, de amor ao passado, de respeito à memória dos homens que tanto engrandeceram esta terra, o Museu Histórico e Pedagógico "Campos Sales" já seria hoje uma realidade, utilizando todas as salas do edifício que a antiga Cia. Mogiana construiu com tanto empenho e luxo, utilizando material de primeira qualidade e até mesmo o trabalho de magníficos decoradores, como se pode observar até hoje.

CONVÊNIO

A última tentativa para a instalação do Museu, através de um convênio entre o Estado e a Prefeitura, já na administração do sr. Francisco Amaral, com o sr. Paulo Egidio no governo de S. Paulo, também fracassou, apesar de ter sido aprovado pela Câmara Municipal. Um simples detalhe de redação — coisa de somenos, fácil de ser reparada — constitui hoje o "entrave" para que esse convênio seja aprovado e executado e o Museu possa ser condignamente instalado. Causa pasmo, estarece, atenta contra todas as normas do bom senso da lógica, um absurdo desse quilate. É um chocante e triste reflexo da época de irresponsabilidade e demagogia que estamos vivendo!

A Prefeitura, no primeiro ano da administração Francisco Amaral, construiu uma dependência para servir de residência para um zelador e designou um funcionário para o aludido fim, que se encontra

em pleno exercício e isso, em parte, evitou que o prédio continuasse a sofrer constantes depredações. Foi só. Depois disso, a Prefeitura também encolheu os ombros, sob a mesma alegação de que não dispõe de verbas para o Museu, quando todos os prefeitos das cidades onde os museus já foram instalados, deram a máxima de sua colaboração, num trabalho conjunto com o Estado. Mas este tem a maior parcela de culpa.

O EDIFÍCIO

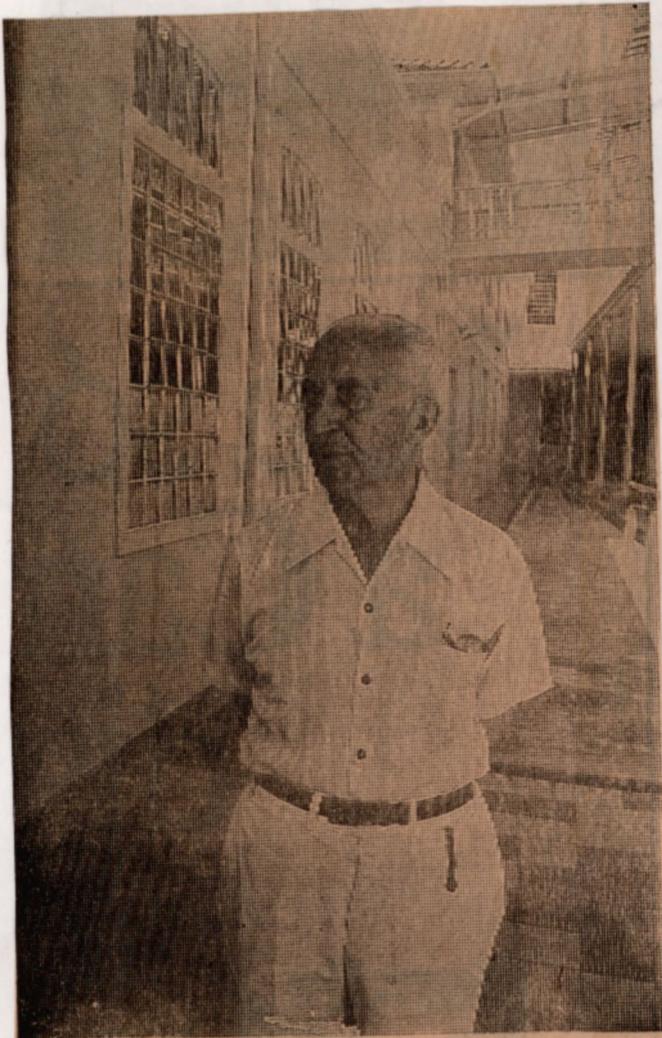
O edifício com os "apliques" em gesso, encomendados a um artista francês, os vitrais trabalhados os metais nobres como cobre e latão, mármore italiano nas escadarias, pinho de riga ainda existente em muitas salas, pertence à FEPASA, que já tentou, inclusive, vendê-lo, chegando mesmo a publicar edital no "Diário Oficial" com esse objetivo. Mas um amplo movimento na cidade, apelos reiterados de nossos historiadores e o esforço inaudito de Celso Maria de Melo Pupo, nas suas constantes "peregrinações" pelas Secretarias governamentais, sensibilizaram o ex-governador Laudo Natel, que determinou à Secretaria de Esporte e Turismo que entrasse em entendimentos com a FEPASA visando encontrar uma fórmula no sentido de que o edifício não fosse vendido ou alugado a particulares e se destinasse a um fim condigno, ou seja, a sede do Museu Histórico e Pedagógico Campos Sales. Não vacilamos pois, em dizer, não fosse a obstinação e a persistência do sr. Celso Maria de Melo Pupo, o seu acendrado amor a Campi-

nas (apesar de não ser campineiro nato), a sua "teima" (no bom sentido é obvio) Campinas já teria perdido a parada e o belo "edifício da Mogiana" estaria hoje sediado, inteiramente desfigurado na sua parte arquitetônica, o escritório de uma empresa qualquer ou então sediado outras repartições públicas, conforme diversas tentativas feitas nesse sentido. Mas o perigo persiste...

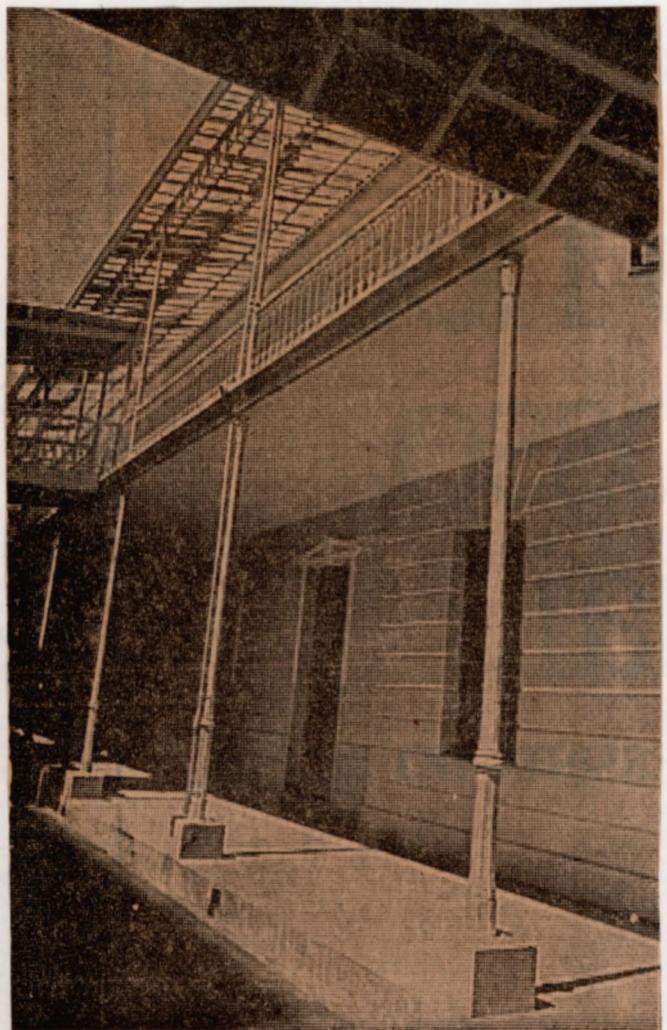
Uma visita ao prédio causa pena, com suas dependências sujas, com rombos no tecto, goteiras, vidros quebrados, numa demonstração total, vergonhosa de descaso para com as coisas de cultura e respeito ao passado. O atual governo do sr. Paulo Maluf ali instalou, em 4 salas, para isso não faltou verba...) a delegacia de cultura, órgão, como já dissemos, inteiramente inútil e inoperante, sem nenhuma expressão na vida cultural da cidade. Para a instalação do Museu — que poderia começar com a guarda e o zelo das peças relacionadas com a vida e a obra de Campos Sales precariamente conservadas no Centro de Ciências, Letras e Artes, inclusive bustos e retratos, sofrendo a inapelável ação do tempo, encontra a barreira, o "argumento" oportunista para justificar o descaso, a indiferença — a indiferença criminosa podemos dizer assim — tanto por parte do Estado como parte da Prefeitura: NÃO HÁ VERBA! Oportuno lembrar que o acervo de Campos Sales está à disposição do Estado, que não demonstrou até agora, o mínimo interesse

em recebê-lo!

No dia em que a cidade festeja mais um aniversário de sua fundação, homenageando a memória dos homens que se projetaram na sua história, e com tristeza e até mesmo com constrangimento e revolta que redigimos estas linhas, lembrando que há mais de 30 anos, conforme notícias de jornais, já se salientava a necessidade de Campinas possuir o seu Museu Histórico e Pedagógico, que seria um centro cultural de excepcional importância, oferecendo, inclusive, instalações condignas para o Museu Carlos Gomes, que ocupa acanhadas instalações do Centro de Ciências, Letras e Artes, o precioso acervo do Museu de Imagens Sacras, organizado pelo saudoso d. Paulo de Tarso Campos, o Museu de Imprensa e o acervo que está se perdendo relacionado com a vida e a obra de um dos maiores vultos da história do Brasil republicano, Manoel Ferraz de Campos Sales. O que isso não representaria para a vida cultural de Campinas, de São Paulo e do Brasil! Mas a mentalidade dos nossos homens públicos não pensa assim. E pr'a fugir à responsabilidade, a um trabalho dignificante que tem um "aspecto negativo" — o de não dar votos — eles, os homens conduzidos aos altos postos governamentais, quando interpelados a respeito, não titubeiam em afirmar, com o maior cinismo: "Não há verbas". Não seria mais justo que eles tirassem as máscaras e dissessem a verdade, sem recorrer a um argumento tão batido, tão desmoralizante, como esse?



Não fosse a dedicação, a "garra" e o idealismo do historiador Celso Maria de Melo Pupo, o edifício destinado ao Museu já estaria em mãos de particulares, sediando escritórios de uma indústria ou repartições burocráticas de outros setores



Um dos corredores externos do edifício relegado ao abandono quase total



Campos Sales, campineiro ilustre, cuja memória os nossos homens públicos, estaduais e municipais, não sabem cultivar. O "caso" do Museu é uma deplorável e vergonhosa demonstração disso